



Me chamo Anilson Marcial Santos, tenho 27 anos, sou do povo Galibi-Marworno, sou graduado no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e, atualmente, estou cursando a Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, pela mesma universidade. Neste relato levo compartilho os momentos que vivenciamos com a Covid-19 na minha comunidade Tukay, situada às margens da BR-156, KM-90.

Como minha aldeia tem uma população de aproximadamente 130 pessoas, posso aqui afirmar que a preocupação foi com todos! Tivemos palestras realizadas pelas equipes de saúde que estão à frente da Saúde Indígena; em reunião interna da comunidade decidimos adotar o isolamento, pois a aglomeração de pessoas contribui para o contágio por essa doença. A questão do isolamento social, ficar dentro de casa e ficar sem se aglomerar em famílias é algo impossível dentro de uma comunidade indígena. Claro que certas atividades pararam, como futebol, consumo de bebidas alcoólicas, reuniões internas, as idas frequentes à cidade... Nossa aldeia construiu todo um regimento para ser adotado, inclusive foi feito um portão na entrada da comunidade para a segurança, bloqueando a entrada de pessoas. Mas nem todas as atividades pararam, continuamos a caçar, pescar e trabalhar nas roças, o que é fundamental para o sustento das famílias.

Contudo, todas as medidas adotadas não foram suficientes para que impedíssemos casos confirmados em nosso meio. A população já estava ciente de que o vírus iria chegar, pois a SESAI tem acesso livre às nossas aldeias, nós sabíamos que as equipes de saúde têm chance altas de contaminação pois têm contato direto com pacientes suspeitos e contaminados. Além disso, mesmo com as regras, aconteciam as idas ao município de Oiapoque e, por mais que íamos e voltávamos no mesmo dia, os riscos eram grandes! Outra coisa é que nem todos seguiam a orientação correta do uso de máscaras e álcool gel. Na nossa aldeia, como todos estavam preocupados com questões de saúde, já preparamos remédios tradicionais. Alguns desses remédios estavam esquecidos, eram de conhecimento apenas de algumas famílias, mas foram compartilhados e preparados por todos.

Em pouco tempo começou a aparecer casos suspeitos na aldeia, nessas alturas as informações que tínhamos é que a maioria das comunidades indígenas já estariam infectadas. Em algumas pessoas a febre não passou de cinco dias, mais no Técnico de Enfermagem, no Agente Indígena de saúde (AIS), no Cacique e em algumas pessoas idosas mais vulneráveis este vírus foi forte e a febre durou mais de dez dias. Nessas situações ficamos sem saber o que fazer, mas fazíamos uso dos nossos remédios. Infelizmente, na minha aldeia, este vírus levou duas pessoas queridas da comunidade, sendo um idoso e uma criança.

Atualmente os doentes, aos poucos, vão se recuperando. A recuperação está ocorrendo de forma lenta, principalmente na respiração, a falta de ar ainda é presente em muitos, principalmente quando há esforço. Hoje, dia 17/07, aconteceu o segundo trabalho de testes rápidos realizados pela a equipe de saúde da nossa comunidade. De acordo com os testes o vírus ainda está presente no sangue de muitos que já tinham pego a doença.

Hoje o coronavírus está presente em todos os lugares. Para mim é preciso planejar um outro protocolo de trabalho, seguindo as orientações das Secretarias de Saúde voltadas para a saúde indígena, com apoio aos pólos básicos de saúde, aos pólos centrais e a CASAI.

Aldeia Tukay, Oiapoque, Amapá, Brasil

17 de julho de 2020.

[#OPETNãPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Je m'appelle Anilson Marcial Santos, j'ai 27 ans, j'appartiens au peuple Galibi-Marworno, j'ai un diplôme du cours de licence interculturelle indigène (CLII) de l'Université Fédérale d'Amapá (UNIFAP) et je suis actuellement en spécialisation en études culturelles et politiques publiques, par la même université. Dans ce rapport, je partage les moments que nous avons vécus avec Covid-19 dans ma communauté de Tukay, située sur les rives du BR-156, KM-90.

Comme mon village a une population d'environ 130 personnes, je peux dire ici que la préoccupation était avec tout le monde! Nous avons eu des conférences données par les équipes de santé qui sont en charge de la santé indigène; lors d'une réunion interne de la communauté, nous avons décidé d'adopter l'isolement, car la surpopulation contribue à la contagion due à cette maladie. La question de l'isolement social, de rester à l'intérieur de la maison et de rester sans famille est impossible dans une communauté indigène.

Bien sûr, certaines activités ont cessé, comme le football, la consommation d'alcool, les réunions internes, les déplacements fréquents en ville ... notre village a construit un régiment entier à adopter, y compris en faisant une porte à l'entrée de la communauté pour la sécurité, en bloquant l'entrée des gens. Mais toutes les activités ne s'arrêtent pas, nous continuons à chasser, à pêcher et à travailler dans les champs, ce qui est essentiel pour les moyens de subsistance des familles. Cependant, toutes les mesures adoptées n'étaient pas suffisantes pour empêcher des cas confirmés dans notre pays. La population savait déjà que le virus arriverait, puisque la SESAI a un accès gratuit à nos villages, nous savions que les équipes de santé ont un risque élevé de contamination car, ils sont en contact direct avec des patients suspects et infectés.

De plus, même avec les règles, il y avait des déplacements à la commune d'Oiapoque et, autant que nous allions et revenions le même jour, les risques étaient grands! Une autre chose est que tout le monde n'a pas suivi les bonnes directives pour l'utilisation de masques et de gel d'alcool. Dans notre village, comme tout le monde était préoccupé par les problèmes de santé, nous avons déjà préparé des médicaments traditionnels. Certains de ces remèdes ont été oubliés, n'étaient connus que de quelques familles, mais partagés et préparés par tous. En peu de temps, des cas suspects ont commencé à apparaître dans le village. À ce moment-là, les informations dont nous disposions étaient que la plupart des communautés indigènes seraient déjà infectées.

Chez certaines personnes, la fièvre n'a pas duré plus de cinq jours, davantage chez le technicien infirmier, l'Agent de Santé Indigène (AIS), le chef et chez certaines personnes âgées plus vulnérables, ce virus était fort et la fièvre a duré plus de dix jours. Dans ces situations, nous ne savions pas quoi faire, mais nous avons utilisé nos médicaments. Malheureusement, dans mon village, ce virus a pris deux proches de la communauté, un homme âgé et un enfant. Actuellement, les patients se rétablissent progressivement. La récupération se déroule lentement, en particulier dans la respiration, l'essoufflement est toujours présent dans beaucoup, surtout quand il y a un effort.

Aujourd'hui, 17/07, le deuxième travail de tests rapides effectué par l'équipe de santé de notre communauté a eu lieu. Selon les tests, le virus est toujours présent dans le sang de nombreuses personnes qui avaient déjà attrapé la maladie. Aujourd'hui, le coronavirus est présent partout. Pour moi, il est nécessaire de planifier un autre protocole de travail, en suivant les directives des Secrétariats à la Santé centrés sur la santé indigène, avec un soutien aux centres de santé de base, aux centres centraux et à la CASAI.

Village Tukay, Oiapoque, Amapá, Brésil

17 Juillet 2020.

Traduit par Johnson Morancy

[#OPETNãPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

My name is Anilson Marcial Santos, I am 27 years old, I am a Galibi-Marworno person, I have a degree in the Indigenous Intercultural Degree Course (CLII) taken at Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) and I am currently taking a specialization in Cultural Studies and Public Policies, by the same university. In this report, I share the moments we experienced with Covid-19 in my Tukay community, located on the margins of BR-156 highway, KM-90.

As my village's population is about 130 people, I can say that my main concern was with everyone! We had lectures given by the health team members in charge of Indigenous Health; in an internal community meeting we opted for isolation, because crowding increases the contamination risks of this disease.

About social isolation, staying inside and avoiding family gatherings is impossible in an indigenous community. As a result, certain activities stopped, such as soccer, alcohol consumption, internal meetings, constant trips to the city... Our village built an entire arrangement to be adopted, for instance a gate was made at the community entrance for security, blocking the access. Not all activities stopped, though, we still hunt, go fishing and work in the fields, which is essential for families' livelihood.

Nonetheless, all adopted measures were insufficient in preventing the confirmed cases in our community. The population was aware about the possibility of this disease arrival here, since SESAI has free access to our villages, so we knew that health teams have a high contamination risk because due to their direct contact with suspected and infected patients. In addition, even with rules, there were trips to Oiapoque and, as much as we went and returned on the same day, the risks increased! Not to mention that not everyone followed the guidelines accurately, such as the use of masks and hand sanitizer. In our village, as everyone was concerned about health issues, we prepared traditional medicines beforehand. Some of these remedies were already forgotten, known by only a few families, so we shared and they were prepared by everyone.

Soon, suspicious cases started to come up in the village. At such moment, we had evidence that most of the indigenous communities were already infected. Some people's fever did not last more than five days, but the Practical Nurse, the Indigenous Health Agent (AIS), the Cacique and in some more vulnerable elderly people this virus hit stronger, their fever lasted more than ten days. In these cases, we didn't know what to do, but we used our medicines. Unfortunately, in my village, this virus took away two loved ones from us, an elderly man and a child.

Currently, the patients are gradually recovering. The recovery is proceeding slowly, as in breathing and shortness of breath, especially when there is physical effort. Today, 07/17, was carried out the second round of rapid tests by the health team of our community. According to the tests the virus is still present in the blood of many who have already caught the disease. Nowadays, coronavirus is everywhere. I believe it is crucial to design another working protocol, following the Indigenous Health Secretariats guidelines, with support for the basic health poles, central health poles and CASAI.

Tukay Village, Oiapoque, Amapá, Brazil

July 17th, 2020.

Translated by Ydoreh Gomes Borges

[#OPETNãPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Soy Anilson Marcial Santos, tengo 27 años, soy del pueblo Galibi-Marworno, soy formado en Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) de la Universidad Federal de Amapá (UNIFAP) y, actualmente, estoy estudiando la Especialización en Estudios Culturales y Políticas Públicas, en la misma universidad. Por medio de este relato comparto los momentos que experimentamos con el Covid-19 en mi comunidad Tukay, ubicada en las márgenes de la carretera BR-156, KM-90.

¡Como mi pueblo tiene una población de aproximadamente 130 personas, puedo decir que la preocupación estaba en todos! Tuvimos conferencias realizadas por el equipo de salud que están a cargo de la Salud Indígena; en una reunión interna de la comunidad decidimos adoptar el aislamiento, porque la aglomeración de personas contribuye al contagio de esta enfermedad. La pregunta del aislamiento social, permanecer en el interior y permanecer sin aglomeraciones, en las familias es imposible dentro de una comunidad indígena. Por supuesto, se han detenido ciertas actividades, como fútbol, consumo de alcohol, reuniones internas, viajes frecuentes a la ciudad... Nuestro pueblo construyó todo un regimiento para ser adoptado, incluyendo la instalación de una puerta en la entrada de la comunidad para la seguridad, bloqueando la entrada de personas. Pero no todas las actividades se han detenido, seguimos cazando, pescando y trabajando en las granjas, lo cual es fundamental para el sustento de las familias.

Sin embargo, todas las medidas adoptadas no fueron suficientes para evitar casos confirmados en nuestro país. La población ya era consciente de que el virus llegaría, porque la SESAI (Secretaría Especial de Salud Indígena) tiene acceso libre a nuestras aldeas, sabíamos que los equipos de pacientes sospechosos y contaminados. Además, incluso con las reglas, las idas al municipio de Oiapoque tuvieron lugar y, por mucho que fuimos y volvimos el mismo día, ¡los riesgos eran grandes! Otra cosa es que no todo el mundo siguió la orientación correcta del uso de máscaras y gel de alcohol. En nuestro pueblo, como todo el mundo estaba preocupado por los problemas de salud, preparamos remedios tradicionales. Algunos de estos remedios fueron olvidados, sólo eran conocidos por unas pocas familias, pero fueron compartidos y preparados por todos.

En poco tiempo comenzaron a aparecer casos sospechosos en la aldea, en ese momento la información que teníamos era que la mayoría de las comunidades indígenas ya estarían infectadas. En algunas personas la fiebre no pasó de cinco días, más en el Técnico de Enfermería, en el Agente Indígena de Salud (AIS), en el Cacique y en algunas de las personas mayores más vulnerables este virus fue fuerte y la fiebre duró más de diez días. En estas situaciones no sabíamos qué hacer, pero usamos nuestros remedios. Desafortunadamente, en mi pueblo, este virus tomó a dos seres queridos de la comunidad, siendo un anciano y un niño. Actualmente los enfermos se están recuperando gradualmente. La recuperación se está produciendo lentamente, especialmente en la respiración, la dificultad para respirar todavía está presente en muchos, principalmente cuando hay esfuerzo. Hoy, 17/07, tuvo lugar a la segunda campaña de pruebas rápidas llevada a cabo por el equipo de salud de nuestra comunidad. Según las pruebas, el virus todavía estaba presente en la sangre de muchos que ya habían contraído la enfermedad.

Hoy el coronavirus está presente en todas partes. Para mí es necesario planificar otro protocolo de trabajo, siguiendo las directrices de los Departamentos de Salud enfocados en la salud indígena, con apoyo a los centros básicos de salud, los polos centrales y CASAI (Casa de Apoyo a la Salud Indígena).

Aldea Tukay, Oiapoque, Amapá, Brasil, 17 de Julio de 2020.

Traducido por Carlos Armando Reyes Flores

[#OPETNãPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

